

A LÍRICA TESTEMUNHAL DE PEDRO TIERRA: O “CANTO DA RESISTÊNCIA E DA ESPERANÇA”¹ EM POEMAS DO POVO DA NOITENÚBIA SILVA DOS SANTOS (UFG)²

*Muitas vezes julgamos ver a aurora
e sua rosa de fogo à nossa frente.
Era apenas, na noite, uma fogueira.
Voltava a noite, mais noite, mais completa.*

Carlos Drummond de Andrade.³

Resumo

Esse artigo propõe-se a refletir acerca do Testemunho na Poesia do Poeta Pedro Terra, em sua obra Poemas do Povo da Noite, escrita durante o período em que o poeta esteve como prisioneiro Político, de 1972 – 1979, durante a Ditadura Militar Brasileira. Num primeiro momento apresentamos a obra de Terra e explicamos o que o motivou a escrevê-la – o encontro com Mayer Kucinski, por isso, fazemos uma breve imersão comentando sobre o Romance K.: Relato de uma Busca. E, por fim, analisamos brevemente dois poemas de Pedro Terra, em intersecção com dois poemas de Carlos Drummond de Andrade, considerando a ambos como poetas, cuja Poesia, configura-se como Poesia de Resistência.

Palavras-chave: Testemunho; Poesia; Resistência; Política; Ditadura

Escrever sobre a obra de Pedro Terra - Hamilton Pereira da Silva⁴, sob o signo da lírica testemunhal é um desafio instigante, visto ser a temática bastante difícil, uma vez que o poeta goiano-tocantinense escreve seus poemas das prisões pelas quais passou durante os cinco anos em que esteve preso, no período da Ditadura Militar. Não é um poeta canônico, lido e conhecido por todos, como poetas da estirpe de Drummond, mas é justamente Carlos Drummond de Andrade, mais até do que João Cabral de Melo Neto

¹ O termo entre aspas foi utilizado por Nilmário Miranda, Presidente da Fundação Perseu Abramo, na orelha do Livro Poemas do Povo da Noite, Edição para não esquecer – 30 anos da 1ª edição brasileira e 3ª edição revisada. Faço uso no título, porque o teor dos Poemas da obra Poemas do Povo da Noite é, de fato, de “canto” – grito de resistência e de esperança na construção de uma nova realidade, em que a tortura não seja a constante da vida dos que foram vítimas da Ditadura Militar Brasileira.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás - UFG – Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

³ Estrofe do Poema MAS VIVEREMOS, do livro A Rosa do Povo, 1945. In. Carlos Drummond de Andrade – Poesia Completa. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2003.

⁴ Hamilton Pereira da Silva é filho de Sabino Pereira da Silva e de Ana Costa Pereira, retirantes piauienses que escaparam da seca e da cerca, nos anos de 1930. Hamilton nasceu em Porto Nacional – To, quando ainda era Norte de Goiás. Tem segundo grau completo, mas não frequentou a Universidade, em função das atividades políticas assumidas. Lutou contra a ditadura militar e cumpriu cinco anos de cárcere, entre 1972 a 1977. É Poeta forjado pela dor do horror dos tempos de ferro da ditadura e, por isso, cria para si o pseudônimo de Pedro Terra, Pedro, pela força da Pedra, símbolo de resistência e Terra, criação do poeta, para homenagear os companheiros Hispano-ibero americanos, simbolizando a terra como ambiente para nascimentos, símbolo de esperança.

que, segundo o próprio Tierra, o influenciou bastante como fonte de leituras, nos tempos anteriores à prisão, bem como naqueles em que esteve prisioneiro.

Os poemas do Povo da Noite configuram-se em poesia de resistência, de luta, de testemunho do horror, da dor, do sofrimento, da morte, mas também de esperança, de sonhos, de solidariedade, de beleza, de companheirismo e de metáforas de plantar, semear e de novos nascimentos, novas identidades – mais fortes, apesar de delicadas como a flor, pela fragilidade forjada na dor.

Pedro Tierra se auto-entitula um “sobrevivente” porque viveu, sobreviveu e testemunhou os horrores e violências da Ditadura e o fez, sobretudo, movido por uma consciência política aguçada e por enorme sentimento de irmandade, de luta, de solidariedade e de resistência. Ele explica na abertura de sua obra, em “Explicação necessária” que o impulso para escrever os Poemas do Povo da Noite veio de um acontecimento – a visita de Mayer Kucinski à prisão onde Hamilton se encontrava preso junto a outros presos políticos.

Concretamente o impulso por escrevê-los me veio de um diálogo, talvez, o mais dramático que já mantivera em minha vida até ali. Meu interlocutor se chamava Mayer Kucinski, pai de Ana Rosa Kucinski, militante da ALN (Ação Libertadora Nacional – Organização da resistência armada à Ditadura Militar vigente de 1964-1985) **desaparecida**. A expressão ‘diálogo’ é pálida e insuficiente para dar conta daquele contato entre dois desconhecidos. (...) Ele, num impulso trôpego, angustiado, irreprimível (...) me narrou seus dias e noites de tormento. (...) Mayer Kucinski buscava Ana Rosa, sua filha. Desejava, para seguir vivendo, ver o rosto de Ana Rosa. Varava meus olhos com o cravo dos seus e me pedia, patético – a mim, que àquela altura cumpria já o terceiro ano de prisão – uma palavra, ainda que fosse a notícia de sua morte. Eu não tinha nenhuma palavra para lhe dar. “*Há uma hora em que todas as bocas se fecham./Há uma hora em que a memória nega./Há uma hora em que a noite desce como a mordada definitiva.*”⁵ (TIERRA, 2010, p.12)

Vemos aqui um procedimento interessante, porque Pedro Tierra, em sua Explicação necessária que abre sua obra diz ter sido o encontro com Mayer Kucinski o impulso para escrever os Poemas do Povo da Noite e diz também que não tinha nenhuma palavra para dar ao senhor Kucinski. Situação paradoxal, uma vez que a ferramenta de trabalho do poeta é justamente a palavra. No entanto, é justamente essa aporia, essa situação de desconcerto, de dificuldade de pronunciar ou representar algo

⁵ Tierra, Pedro. “Tempo Subterrâneo”. In. Poemas do Povo da Noite. Livramento, São Paulo, 1979. (sic).

que remeta à esfera dos tempos sombrios da guerra ou da Ditadura que caracteriza a estética e ética testemunhal. É necessário que se diga, que o silêncio seja quebrado e que se grite em denúncia aos horrores da violência, para que a humanidade não se esqueça das práticas expúrias, indignas e de tamanha violência, a ponto de que não se consiga narrar, registrar, lembrar desses registros. Mas só rememorando, trazendo à memória, revivendo o trauma, será possível, psicanaliticamente falando inclusive, vencê-lo.

Pedro Terra, ainda em sua Explicação necessária, cita Hannah Arendt para dizer que o principal objetivo para a consolidação do país como nação, no processo democrático brasileiro, encontra-se resguardado na **compreensão** da qual Hannah Arendt fala. Segundo a autora, compreender⁶ não significa negar ou explicar os horrores praticados, mas sim, encarar a realidade de maneira espontânea, atenta e resistir a ela.

Cantos dos que Sonham e Semeiam (Re)Nascimentos: intersecções na poesia de Pedro Terra e Carlos Drummond de Andrade

Pedro Terra, em seus Poemas do Povo da Noite, objetiva, por meio de sua arte, de sua poesia, de seu poder, bradar e gritar, denunciando os assassinatos, suicídios, delações, silenciamentos, torturas e tantos outros horrores. E, por que “é proibido cantar!”, o poeta compreende que cantar é imprescindível. Terra traz o canto como elemento fundante de seus poemas, mas não só o canto, também o grito, a flor, a noite, o sangue, a semente e o renascer, dentre outras imagens presentes em sua poesia de resistência.

Alfredo Bosi (2000: 169) em sua Poesia-Resistência, cita Drummond, quando este diz que “a poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos (...)”. Bosi, na obra citada complementa que a poesia “resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia.” Já Terra afirma: “O que pode o grito se não se perpetua?” ao discutir sobre o caráter constitutivo de sua poesia. É necessário encontrar uma forma de perpetuar o grito do poeta, segundo Terra, “pelo gesto multiplicado de tantos que acolheram a palavra e a converteram no

⁶ Hobsbawm também aborda esse tema e diz que: “A principal tarefa do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender. (...) Compreender a era nazista na história alemã e enquadrá-la em seu contexto histórico não é perdoar o genocídio. De toda forma, não é provável que uma pessoa que tenha vivido este século extraordinário se abstenha de julgar. O difícil é compreender”. (HOBBSAWM:1995, p.13).

trabalho de milhares de mãos. Aquelas mãos insubmissas que teceram na sombra, anos a fio, a luz imperceptível da madrugada que acendemos, sem desenho prévio, nos olhos de nossa gente...”

Assim como Carlos Drummond de Andrade na Rosa do Povo e Pablo Neruda em seu Canto Geral, Pedro Tierra traz para a boca de cena, em seu poemas, o povo como protagonista e de maneira solidária e esperançosa, o poeta utiliza sua poesia como arma de denúncia e também como semente para o renascer da esperança e da humanidade perdida. Vejamos o POEMA-PRÓLOGO:

POEMA-PRÓLOGO

Fui assassinado.
Morri cem vezes
E cem vezes **renasci**
Sob os golpes do açoite.

Meus olhos em sangue
Testemunharam
A dança dos algozes
em torno do meu cadáver

Tornei-me a mineral
memória da dor.
Para sobreviver,
recolhi das chagas do corpo
a lua vermelha de minha crença,
no meu sangue **amanhecendo.**

Em cinco séculos
reconstruí minha esperança.
A faca do verso feriu-me a boca
e com ela entreguei-me à tarefa de
renascer.

Fui poeta
do povo da noite
como um **grito** de metal fundido.

Fui poeta
como uma arma
para sobreviver
e **sobrevivi.**

Companheira,
se alguém perguntar por mim:
sou o poeta que busca
converter a noite em **semente,**

o poeta que se alimenta
do teu amor de vigília
e silêncio
e bebeu no próprio sangue
o ódio dos opressores.

Porque sou o poeta
dos mortos assassinados,
dos eletrocutados, dos “suicidas”,
dos “enforcados” e “atropelados”,
dos enlouquecidos.

Sou o poeta
dos torturados,
dos “desaparecidos”,
dos atirados ao mar,
sou os olhos atentos
sobre o crime.

Companheira,
virão perguntar por mim,
recorda o primeiro poema
que lhe deixei entre os dedos
e diz a eles
como que acende **fogueiras**
num país ainda em sombras;
meu **ofício** sobre a terra
É ressuscitar os mortos
e apontar a cara dos assassinos.

Porque a noite não anoitece sozinha.
Há mãos armadas de açoite
retalhando em pedaços
o fogo do sol
e o corpo dos lutadores.

(TIERRA, 2010, p.29-30)(Grifos meus)

O Poema-Prólogo que abre a coletânea de Poemas do Povo da Noite cumpre, de fato, a função do prólogo⁷, antecipando aos leitores os elementos que irão constituir a matéria de poesia de toda a coletânea. O poeta, ao fazer essa escolha, trata sua obra como um épico, cujo herói é o povo da noite, o povo brasileiro, o povo hispânico, o povo ibero-americano. O compromisso com os que não possuem voz e estão excluídos, presos, mortos e destituídos da sociedade moderna é reiterado, quando o poeta diz ser o “poeta do povo da noite” e que utiliza sua poesia como “o grito de metal fundido”, como “arma para sobreviver”. Discursivamente é interessante observar as escolhas que o poeta fez ao utilizar as aspas para denunciar e questionar a “verdade” das afirmações proferidas. O poeta-testemunha coloca entre aspas todas as palavras que representam inverdades sobre os destinos dos sujeitos citados: “suicidas”; “atropelados”; “enforcados”; “desaparecidos”. Sabe-se os opressores, sejam regime nazista – da Shoah ou das Ditaduras Hispano – Ibero – Americanas, bem como Brasileira omitiram a verdade dos acontecimentos, silenciaram e apagaram os rastros de seus feitos aniquiladores.

Cabe aos sobreviventes e às testemunhas do horror da guerra e das Ditaduras lembrar os que foram aniquilados e brutalmente dizimados, para que ninguém esqueça o que lhes aconteceu, mas, sobretudo, para que jamais se repita novamente as brutalidades e desumanidades pelas quais passaram nessa era do caos e das catástrofes. Cabe aqui citar novamente a leitura de Gagnebin (2006) sobre as considerações de Adorno acerca da impossibilidade de representação artística e poética, após Auschwitz.

Adorno tenta pensar juntas as duas exigências paradoxais que são dirigidas à arte depois de Auschwitz: lutar contra o esquecimento e o recalque, isto é, lutar igualmente contra a repetição e pela rememoração; mas não transformar a lembrança do horror em mais um produto cultural a ser consumido; evitar, portanto, que "o princípio de estilização artístico" torne Auschwitz representável, isto é, com sentido, assimilável, digerível, enfim, transforme Auschwitz em mercadoria que faz sucesso (como fazem sucesso, aliás, vários filmes sobre o Holocausto, para citar somente exemplos oriundos do cinema). A transformação de Auschwitz em "bem cultural" torna mais leve e mais fácil sua integração na cultura que o gerou, afirma Adorno algumas linhas abaixo. Desenha-se assim uma tarefa paradoxal de

⁷ Prólogo - substantivo masculino. Apresentamos dois significados do dicionário online:

A - No antigo teatro grego, a primeira parte da tragédia, em forma de diálogo entre personagens ou monólogo, na qual se fazia a exposição do tema da tragédia.

B - Em uma peça teatral, cena ou monólogo iniciais, em que geralmente são dados elementos precedentes ou elucidativos da trama que se vai desenrolar.

transmissão e de reconhecimento da irrepresentabilidade daquilo que, justamente, há de ser transmitido porque não pode ser esquecido. Um paradoxo que estrutura, aliás, as mais lúcidas obras de testemunho sobre a Shoah (e também sobre o Gulag), perpassadas pela necessidade absoluta do testemunho e, simultaneamente, por sua impossibilidade linguística e narrativa. (GAGNEBIN: 2006, p. 79)

O imprescindível a ser considerado do dicto adorniano é que ele alerta, para que Auschwitz jamais seja esquecida, bem como que os horrores e catástrofes registrados ali jamais se repitam, daí sua exigência pelo não-esquecimento. É necessário lembrar-se do passado, compreendendo-o e de forma esclarecida entender também o presente, de modo a rememorar as atrocidades e os mortos com empatia e respeito, para que outros não tenham que sofrer, nem morrer da mesma forma. Há que se olhar também para o presente, a fim de que o futuro possa ser diferente. Espantar-se, indignar-se e agir de maneira ética e política são condutas esperadas dos sujeitos, bem como das Instituições.

ASPIRAÇÃO

Hoje eu quero
um poema transparente,
semelhante à lágrima
que iludiu meus olhos desatentos.

Um poema capaz de coragem,
desses que podem ser ouvidos
na chuva, na greve, ao fim
da batalha perdida.

Um poema capaz de resistir
como granito ao vento,
como o homem resiste
se o aço lhe alcança o ombro.

Um poema capaz de liberdade.
Capaz de falar nesta hora noturna
quando todos dormem, e o silêncio oficial
amordaçou as cantigas do meu povo.
(TIERRA, 2010, p.49)

No poema *Aspiração*, vemos a poesia do poeta como uma espécie de mantra, de credo, de profissão de fé, porque representa a lucidez, o compromisso do poeta em não se calar, em escrever de maneira que seu canto, que sua poesia chame à consciência os que se calam diante dos horrores que a humanidade tem praticado. Uma poesia revolucionária, que encha de coragem a tantos distintos sujeitos que se encontram lá – na sociedade, mas que precisam saber do que acontece, precisam resistir, precisam lutar, precisam ser solidários e críticos, mesmo que não estejam em situação direta de sofrimento, porque indiretamente todos sofrem, todos têm medo, todos desconfiam e muitos, infelizmente, escolhem o caminho da individualidade e se tornam delatores, traidores, mesmo que façam isso tentando salvar algum ente querido. O poema *Aspiração* fala não só dos sonhos, mas fala sobre o próprio fazer da poesia desse poeta, que almeja uma poesia capaz de libertar, sobretudo, nas horas mais difíceis – a hora noturna – quando ninguém vê, ninguém sabe o que está acontecendo – mas que é uma

hora em que muito acontece. O povo está amordaçado, silenciado pelo medo e pelas atrocidades que vivenciam ou veem pessoas muito próximas vivenciarem e, por isso, não se canta mais, não se sonha mais, não se luta mais. O poeta Pedro Terra almeja uma poesia, que assim, como Drummond em sua Canção Amiga, “faça acordar os homens e adormecer as crianças”. Uma poesia que traga a tão sonhada e almejada “liberdade”. Esse é um sonho político de uma lírica de cunho social e totalmente conectada com o mundo em que o poeta se encontra.

CANÇÃO AMIGA

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me veem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.

No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

(DRUMMOND, 2003, p.232)

O poema de Carlos Drummond de Andrade, escrito em 1948, pós segunda guerra mundial, mas bem antes do período ditatorial no Brasil, é um poema que também metalinguisticamente traz o sonhos do poeta e seu compromisso em, apesar dos horrores da guerra, das catástrofes ocorridas, registrar-se nas artes, na poesia, marcos de luta, de resistência da humanidade que se parece perdida. Nesse poema de Drummond, o poeta fala já na primeira estrofe da força de sua poesia, da proposta universalizante e do desejo de clareza, de lucidez, de retorno a uma era de paz, de calma, em que seja possível caminhar pelas ruas, sem medo, saudando velhos amigos, distribuindo segredos, como quem ama ou sorri, de maneira natural. No poema Canção amiga, o poeta se irmana a tantos outros valorizando a vida de todos e desejando para todos a mesma capacidade de dizer, de resistir, de lutar e de criar. É necessário que todos tenham consciência (“acordar os homens”) para os desafios impostos e é necessário ter esperança, vivenciar outro mundo, em que seja possível “adormecer as crianças” com palavras mais belas.

O mundo está tentando se reerguer dos horrores vivenciados na segunda guerra mundial. Muitos querem esquecer o que aconteceu, alguns querem inclusive dizer que

nada aconteceu. Mas aconteceu e torna-se imperativo vencer o medo, negociar com a dor, com o trauma. Nada melhor que a linguagem, que as palavras, que a poesia, para criar novas e transformadas realidades, sem se esquecer os acontecimentos anteriores, mas semeando outras possibilidades de nascimentos, para que os horrores praticados na guerra não se repitam, não voltem a acontecer e não sejam esquecidos. Precisamos, todos, compreender, como diz Hanna Arendt, o que aconteceu, para que não voltemos a repetir, como diz Adorno, o que aconteceu em Auschwitz.

MAS VIVEREMOS

Já não há mãos dadas no mundo.
Elas agora viajarão sozinhas.
Sem o fogo dos velhos contatos,
que ardia por dentro e dava coragem.

Desfeito o abraço que me permitia,
homem da roça, percorrer a estepe,
sentir o negro, dormir a teu lado,
irmão chinês, mexicano ou báltico.

(...)

Há mais de vinte anos caminhávamos
sem nos vermos, de longe, disfarçados,
mas a um grito, no escuro, respondia
outro grito, outro homem, outra certeza.

**Muitas vezes julgamos ver a aurora
e sua rosa de fogo à nossa frente.
Era apenas, na noite, uma fogueira.
Voltava a noite, mais noite, mais
completa.**

E que dificuldade de falar!
Nem palavras nem códigos: apenas
montanhas e montanhas e montanhas
oceanos e oceanos e oceanos.

(...)

Hoje quedamos sós. Em toda parte,
somos muitos e sós. Eu, como os outros.
Já não sei se vossos nomes nem vos olho
na boca, onde a palavra se calou.

Voltamos a viver na solidão,
temos de agir na linha do gasômetro,
do bar, da nossa rua: prisioneiros
de uma cidade estreita e sem ventanas.

Mas viveremos. A dor foi esquecida
nos combates de rua, entre destroços.

Toda melancolia dissipou-se
em sol, em sangue, em vozes de protesto.

Já não cultivamos amargura
nem sabemos sofrer. Já dominamos
essa matéria escura, já nos vemos
em plena força de homens libertados.

Pouco importa os dedos se desliguem
e não se escrevam cartas nem se façam
sinais da praia ao rubro couraçado.

Ele chegará, ele viaja o mundo.

(...)

Ele caminhará nas avenidas,
entrará nas casas, abolirá os mortos.
Ele viaja sempre, esse navio,
Essa rosa, esse canto, essa palavra.

(DRUMMOND, 2003, p.203-205). **(Grifos meus)**

SOBREVIVEREMOS

Perdemos a noção do tempo.⁸

A luz nos vem da última lâmpada,
coada pela multidão de sombras.
A própria voz dos companheiros tarda,

como se viesse de muito longe,
como se a sombra lhe roubasse o corte.

Nessa noite parada sobrevivemos.
Ficou-nos a palavra, embora reprimida.

Mas o murmúrio denuncia que a vitória
não foi completa. Dobra o silêncio
e envia o abraço de alguém
cujo rosto nunca vimos e, todavia, amamos.

Nessa noite parada sobrevivemos.
Sobreviveremos.
Ficou-nos a crença, de resto, inestinguível,
na manhã proibida.

(TIERRA, 2010, p.33)

Tentamos colocar, lado a lado, em duas colunas, o poema MAS VIVEREMOS, de Carlos Drummond de Andrade e o poema SOBREVIVEREMOS, de Pedro Terra para que visualmente seja mais fácil ao leitor perceber o grito de resistência que emana desses poemas, o primeiro escrito em 1945, fim da Segunda Guerra Mundial e o segundo em 1974, em plena Ditadura Militar. Possuem composições formais distintas, o primeiro poema possui dezoito quadras e o segundo poema quatro quadras, eles falam da mesma matéria, registram, pela linguagem poética, esperanças de uma palavra, que tal como a flor que rompeu o chão do asfalto, duro, impassível, possa ir além dos espaços nacionais e locais levar a notícia de que o homem sobreviverá – sobreviveremos, como registrado no poema de Terra. Tanto o “Mas viveremos” de Drummond quando o “Sobreviveremos” de Terra apresentam-se como resistência aos tempos sombrios da noite – do horror, do terror, das mortes, da repressão, do medo, da ausência de amor e de irmandade, da clandestinidade, dos presídios e da solidão. Ambos os poemas conclamam para a vida, para a necessidade de resistir, apesar das forças que

⁸ Todos os grifos em negrito são meus.

impõem o silêncio e dos açoites, torturas, guerras e bombardeios que trazem a morte e retiram o desejo de vida e até a vida de tantos. Apesar disso tudo, “sobreviveremos” e “viveremos”. Guinsburg em seu texto *Linguagem e Trauma na escrita do Testemunho*, considera que a escrita testemunhal articula estética e ética como articuladas e afirma que:

O século XX se estabeleceu como tempo propício para testemunho, em virtude da enorme presença das guerras e dos genocídios. Para o sujeito da enunciação do testemunho, entre o impacto da catástrofe e os recursos expressivos, pode haver um abismo intransponível, de modo que toda formulação pode ser imprecisa ou insuficiente (GUINSBURG: 2008, p.03).

O autor segue citando Seligmann e Semprun, ao afirmar que a escrita do sobrevivente se vincula à memória daqueles que não sobreviveram e, por isso, é necessário escrever como uma forma de dar túmulo aos mortos, para que não sejam esquecidos. O registro ficcional é condição, não só psicanalítica, para elaboração das vivências traumáticas dos sobreviventes, bem como para homenagear e registrar a memória dos mortos.

Drummond e Tierra fazem de sua poesia-resistência um grito em prol da liberdade, da vida, da solidariedade entre os povos de distintas nações, para além dos oceanos, contra a opressão, a censura, o medo e a solidão. Um brando que retome o sentimento de irmandade, é necessário existir “mãos dadas no mundo”, é necessário esquecer a dor, deixa-la “nos combates de rua, entre os destroços”, é necessário dissipar a melancolia, realizar o luto e não cultivar a amargura, é necessário transformar a palavra em rosa, em canto e florescer no asfalto.

Considerações Finais

Pedro Maria Casaldáliga, responsável pela tradução para o espanhol do livro *Poemas do Povo da Noite*, de Pedro Tierra, que resultou em sua premiação pela Casa das Américas, diz em seu prefácio à obra de Tierra que, “para início de conversa, ou de interpelação, é preciso dizer que este é um livro de palavras verdadeiras: esta poesia é vida; a vida destes poemas, a vida deste poeta (...)” e prossegue questionando se há nos

últimos dez anos no Brasil⁹, “versos mais comprometidos com a vida, com a morte, com o povo?”

Vemos em *Tierra* - Poeta-testemunha e também poeta-sobrevivente que assim como o “elefante”, de Drummond, é obrigatório viver, resistir, amar e lutar, sempre, não somente por si, mas por todos, pelo Povo da Noite, na esperança de que possa voltar a dar as mãos aos demais irmãos de luta e de sonhos. A poesia tem como “arma” a palavra e por isso, mesmo cansados, renascer e recomeçar é movimento de vida, pela vida, contra o esquecimento e o apagamento dos horrores dessa nossa Era das catástrofes. Infelizmente não está no passado o que estudamos aqui e talvez por isso, o *Angelus Novus*¹⁰ fosse para Benjamin imagem tão cara. Esse é o grande desafio prosseguir sem esquecer do passado, mas procurando garantir que o futuro não seja a eterna repetição do passado, configurando-se no absurdo vivido por Sísifo. Precisamos não nos esquecer do passado, para que ele não se repita e, tal como recordar a história para que recomeçemos a nossa, sem perder a ternura, tal como o “Elefante”, de Drummond:

E já tarde da noite/volta meu elefante,/mas volta fatigado,/as patas vacilantes/se desmancham no pó./Ele não encontrou/o de que carecia,/o de que carecemos,/eu e meu elefante,/em que amo disfarçar-me./Exausto de pesquisa,/caiu-lhe o vasto engenho/como simples papel./A cola se dissolve/e todo o seu conteúdo/de perdão, de carícia,/de pluma, de algodão,/jorra sobre o tapete,/qual mito desmontado./
Amanhã recomeço. (DRUMMOND, 2003, p.167-168)

Referências

ADORNO, Theodor. *Crítica Cultural e Sociedade. Prismas – Crítica cultural e sociedade.* Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida, trad. São Paulo: Ática, 1998.

⁹ Esse prefácio foi escrito em 1976.

¹⁰ *Angelus Novus* (em português, 'anjo novo') é o título latino de um desenho a nanquim, giz pastel e aquarela sobre papel, feito por Paul Klee em 1920. Atualmente faz parte da coleção do Museu de Israel, em Jerusalém. Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN: 2005, p. 87)

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S. A., 2003.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In. *Magia e Técnica, arte e política*. Trad. Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. Poesia-Resistência. In. *O Ser e o Tempo da Poesia*. 6ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FELMAN, S. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensinar. In: Netroviski, A & Seligmann, M., (orgs.) *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. pp.13-71.
- FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- GINZBURG, Jaime. *Linguagem e Trauma na Escrita do Testemunho*. Revista Conexão Letras. v. 3, n. 3 (2008). Linguística/Literatura e Encontro e Pesquisa. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/issue/view/2581/showToc>>. Acesso em: 28 jul. 2017.
- HOBBSAWM, Eric J., 1917- *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KAFKA, Franz. *Carta a Oscar Pollak – 1904*. Disponível em: <<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2012/01/31/franz-kafka-carta-a-oscar-pollak-1904/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- KUNCINSKI, Bernardo. *K.: Relato de uma Busca*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A. ISBN 978-85-438-0648-8. Livro eletrônico. Versão Kindle – IPAD – Não paginado, 2016.
- MARCO, Valéria de. *A Literatura de Testemunho e a violência de Estado*. Revista Lua Nova, n. 62, 2004, p. 45-68.
- SELIGMANN-SILVA. *O Local do Testemunho*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História – Tempo e Argumento. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3 – 20, jan. / jun. 2010. Disponível em: <www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/1894/1532>. Acesso em: 25 jul. 2017.
- SELIGMANN-SILVA. *Testemunho e a Política da Memória: O tempo depois das Catástrofes*. Revista Projeto História. São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/index>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- SELIGMANN-SILVA. ‘Zeugnis’ e ‘Testimonio’: um caso de intraduzibilidade entre conceitos. In. Letras, n. 22, jan. – jun., 2001.
- TIERRA, Pedro. *Poemas do Povo da Noite*. 3.ed.rev. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; São Paulo: Publisher Brasil, 2010.